



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM
CONCURSO PÚBLICO
Edital 001/2015



CADERNO DE QUESTÕES

NÍVEL SUPERIOR REDATOR

NOME: _____
Nº DE INSCRIÇÃO:

LEIA COM ATENÇÃO

1. Este **CADERNO DE QUESTÕES** contém **30 QUESTÕES** de múltipla escolha (objetivas) correspondentes ao cargo concorrente do candidato;
2. Cada questão de múltipla escolha apresenta **CINCO** alternativas identificadas com as letras **A, B, C, D e E** sendo apenas uma correta;
3. Confira se o seu **CADERNO DE QUESTÕES** contém a quantidade de questões descritas no item 1. Caso o **CADERNO DE QUESTÕES** esteja incompleto ou apresente qualquer defeito comunique imediatamente o fiscal de sala;
4. Observe, na **FOLHA DE RESPOSTA** se seus dados estão registrados corretamente. Caso haja alguma divergência comunique o fiscal de sala;
5. **ATENÇÃO:** após conferência, assine seu nome no espaço próprio da **FOLHA DE RESPOSTA** com caneta esferográfica feita em material transparente de tinta preta;
6. Não é permitido, no momento da prova, o candidato permanecer com aparelhos eletrônicos (calculadora, telefone celular, tablet e etc.), óculos escuros, protetor auricular, boné e etc.;
7. O candidato (a) só poderá se ausentar do local de prova depois de transcorrido o tempo de 1(uma) hora do início da prova, vale ressaltar, que só poderá levar o **CADERNO DE QUESTÕES** após 2(duas) horas do início da prova;
8. O tempo disponível para a prova é de **03 (três) horas**;
9. Quando terminar sua prova, entregue ao fiscal de sala, a **FOLHA DE RESPOSTAS** e o **CADERNO DE QUESTÕES** (caso não tenha decorrido o tempo de 2 horas do início da prova);
10. Os três últimos candidatos ao terminar a prova só poderão sair juntos.

BOA PROVA!



LÍNGUA PORTUGUESA

Questões de 01 a 10

Texto para as questões de 01 a 10

Da urgência da práxis neuropsicopedagógica no futuro da educação

A aprendizagem humana, doravante somente aprendizagem, está intimamente relacionada a toda a experiência humana, cuja compreensibilidade é quase impossível sem a aprendizagem. Em se tratando do ensino sistemático, como o que ocorre nas agências de ensino sistematizado, como são as escolas, por exemplo, a questão de como se compreende a aprendizagem é sempre unilateral, adultocêntrica e monológica – todas características totalmente às avessas do que hoje se compreende o que seja e como se dá a aprendizagem, características que são produto do século XX.

Não há como qualquer professor, em qualquer grau de ensino, produzir sentido no que diz (falando e/ou escrevendo), no que gesticula, no que aparenta, sem compreender hoje que conhecimento não é transmissão. O é a informação – constructo em estado primário que poderá se tornar conhecimento, e isso é um discernimento fundamental para todo aquele que ensina sistemática ou assistematicamente. Além disso, que não constitui apenas uma leve nuance semântica entre termos, são necessárias ambiências (neurológicas, emocionais, sócio-históricas, discursivas) que mediem e possibilitem momentos para que o Outro então se aproprie à sua maneira, revele tal apropriação como a significou, optando por uma linguagem das linguagens disponíveis em nossa sociedade (constituída semioticamente por multilinguagens) e publicize (fale, escreva, desenhe, gesticule, pinte, expresse-se em Libras etc.) o que pensa, de tal sorte que o professor analise sobre como o Outro se apropriou, revelou e agora publiciza o que internalizou. Nesta sociedade que também é do Conhecimento, somos e valem o que está dito sobre nós, por quem é/foi dito e quando o foi dito.

A questão é que os professores, agora focalizando somente a instituição Escola, não estão preparados para os que se revelam por outras linguagens e até mesmo pelo silêncio, porque esperam que todos os alunos compreendam da mesma forma, no mesmo momento, revelando sua compreensão da mesma maneira também. Um tipo de formação em série. Em plena segunda década de um século que avança na área dos estudos sobre o cérebro e que publica, porque isso é da ciência fazê-lo, é inadmissível ainda usar a memória dos alunos exclusivamente como depósito, já que outros suportes podem fazê-lo.

A inserção da Neuropsicopedagogia, acreditamos, pode dar conta disso, porque, ao constituir-se uma área de fronteira, pode contribuir com os avanços da Neurociência e das Ciências da Cognição em prol da Educação, com o objetivo de argumentar quão importantes são ao professor essas áreas, as quais dão ao cérebro, à inteligência, à memória e à compreensão humanos seus devidos lugares, no complexo sistema cognitivo humano.

Graças aos estudos de Neuroeducação, por exemplo, o professor está mais consciente de que como agem os alunos é resultante de como pensam, como organizam

seus pensamentos, como reagem diante de intempéries, como aprendem. Estar nas redes sociais, ou estar desenhando algo, ou ainda estar passando bilhete para o colega ou para a *mina* de quem está a fim, na sala de aula, são sinais, são indícios para o professor de que algo não está funcionando bem durante uma aula. Da mesma forma, compreender que a linguagem diferenciada que usou numa aula e que “deu certo”, refletir sobre um suporte tecnológico que mediatizou o início de um seminário e que impulsionou a compreensão dos alunos, ou ainda, ressignificar uma atividade que há anos fazia de outra forma e fê-lo de outra e que deu resultado imediato são também índices de que é possível que eles aprendam de forma efetiva. Essas compreensões docentes decerto vieram não só de uma habilidade desenvolvida pelo professor mas também dos avanços das neurociências no campo da Educação.

Como área de estudo das neurociências, a Neuropsicopedagogia busca analisar os processos cognitivos das pessoas para compreender suas potencialidades, de forma a construir indicadores formais para prevenção e/ou para o tratamento clínico ou institucional dos envolvidos. Os saberes oriundos das neurociências de modo geral, entre eles os da Neuropsicopedagogia, são sistemática, particular e culturalmente saberes necessários a uma autonomia cognitiva, ao desenvolvimento de pessoas por pessoas.

Os estudos da cognição do homem verticalizaram-se a tal ponto que hoje não se concebe mais que só pertençam a essa área tudo o que for ligado ao racional e ao mental. Muito mais vista como fenômeno essencialmente social, elaborado intersubjetivamente no plano discursivo (Marcuschi, 2007), a Cognição é um sistema criativo, pois inventa e reinventa suas aprendizagens. Se as interações humanas são moduladas pelas nossas mentes, é, em se tratando do tema Educação, de responsabilidade do professor criar situações de aprendizagem do Outro, uma vez que uma aula também é uma forma de interação; é uma cena interativa que necessita estar imbuída de significação. Uma maneira de fazê-lo é usar nas aulas metáforas, que muito mais do que figuras de linguagem, são mecanismos superiores de compreensão mental, porque aproximam a cognição do aluno ao seu constituinte cultural imediato, facilitando a sociointeração que precisa haver em uma sala de aula sempre. Logo, conhecer os alunos antes de entrar em sala ou assim que entrar é uma forma de mapear suas cognições, além de propositar assuntos para aulas vindouras, de forma que as metáforas contribuam com/para a aprendizagem do Outro.

Por isso, para desenvolver as pessoas de forma que a linguagem docente atinja seu objetivo mister, o professor precisa se eivar desses e de outros conhecimentos oriundos da área da linguagem também, de forma a aprender a elaborar atividades que desenvolvam funções cerebrais de forma mais sistemática. Não que a vida das pessoas sem a escola não possa ser desenvolvida em funções que se acreditou que só a escola desenvolveria, posto que hoje sabemos que há muitas pessoas que não estuda(ram) na escola ou pouco estudaram e ainda assim fazem as conexões necessárias por conta de sua curiosidade ou por sua necessidade de sobrevivência. O próprio cérebro se ocupa de criar plasticamente as condições. A escola só adianta, de forma sistemática, tais conexões.



O que professor precisa é dar oportunidade para o aluno se relacionar efetiva e afetivamente com a disciplina, com os assuntos tratados. Como? Partindo dos saberes do aluno, pois é isso o mais importante que o aluno precisa aprender e demonstrar aprendizagem. Ele precisa aprender o que ele já sabe, muito embora nem sempre saiba que sabe.

Não há modelos indiscutíveis que levam/levem o aluno à aprendizagem suprema! Há caminhos a percorrer, avaliando e reavaliando como está se dando o processo de aprendizagem do Outro. A aprendizagem precisa eivar-se do caráter ipsativo da avaliação; isto é, analisar como estava (antes da aula) e como ficou (depois da aula) uma informação, um conhecimento orientado pelo professor. É necessário também um trabalho quase personalizado. Mas como, se o século XIX nos deixou o caráter de salas de aulas em massa para dar conta logo de muitos? Se o professor for um profissional do desenvolvimento humano, isto é, responsável de fato por gerir, gerar e compartilhar conhecimento, saberá orientar-se, sim, diante de (des)aprendizagens discentes. E quando se diz trabalho personalizado não exatamente se quer dizer um para um. Podem ser dois para dois e assim em diante. Cada cérebro tem a sua própria maneira de internalizar, significar e ressignificar, como também tem seu próprio tempo e velocidade para isso; afinal, não existe ninguém que não aprenda.

É urgente desmistificar a ideia de que alguém não aprende porque não quer. De que a aprendizagem não ocorre para alguns. O que não ocorre é professor se preocupando com o aluno que não aprende, que não aprendeu. As possibilidades de construção do conhecimento são inúmeras, mas a escola brasileira, na subjetividade do professor brasileiro, acredita que o problema está sempre no aluno (Pedagogia da Culpa). Qual das possibilidades ou quais delas é a melhor para um aluno aprender? Só perguntando para ele, que depois de ter sido exposto a algumas dessas possibilidades, provavelmente saberá como é que ele aprende. O papel do neuropsicopedagogo é, com o aluno, encontrar uma e/ou outras possibilidades pessoais de aprendizagem, divulgar isso para os pais e/ou responsáveis bem como para o próprio aluno e ainda revelar para o professor, com quem está com dificuldades de aprendizagem, a maneira como esse aluno aprende, ou as maneiras como este apreende, entende e compreende. Ou ambos podem fazer isso.

O professor precisa adaptar seu processo de ensino ao de aprendizagem do aluno, principalmente quando a maioria dos alunos de uma turma não entendeu sua aula. Aliás, mesmo que somente um não tenha entendido. O processo de ensino deve sempre dialogar, interagir com o de aprendizagem e não o contrário, como por muito tempo foi/é visto. O cérebro humano sob condições de ensino e de aprendizagem precisa sentir-se seguro, ter claro do que se trata o assunto, de forma que as redes cognitivas, que são muitas e algumas ainda sequer mapeadas, possam ativarem-se.

(...).

LISBÔA, Wandré de. Da urgência da práxis neuropsicopedagógica no futuro da educação – um olhar multifacetado sobre a (des)aprendizagem: INEPE/RS, 2014.

QUESTÃO 01

No início do texto, ainda no primeiro período, o autor fala sobre *compreensibilidade*.

Compreensibilidade de (do) quê?

- (A) do ensino sistemático;
- (B) do ensino sistemático e assistemático;
- (C) da experiência humana;
- (D) da aprendizagem humana;
- (E) das agências de formação.

QUESTÃO 02

O que defende o autor desse texto?

- (A) que a forma como se dá a aprendizagem humana é igual entre todos;
- (B) que a maneira como se constrói a compreensão humana é igual entre todos;
- (C) que o jeito como os alunos entendem uma aula é igual entre todos;
- (D) que o modo como significam o conhecimento humano é igual entre todos;
- (E) que a visão que a Escola, na personalidade do Professor, tem do aluno sobre velocidade de aprendizagem é adequada.

QUESTÃO 03

Em: "... é uma cena interativa que necessita estar imbuída de significação.", sobre a palavra sublinhada é correto afirmar:

- (A) é uma homonímia de *entusiasmar*;
- (B) é uma antonímia de *desimpregnar-se*;
- (C) é uma paronímia de *incutir*;
- (D) é uma sinonímia de *imbricar*;
- (E) é uma homógrafa de *cair*.

QUESTÃO 04

A passagem: "... quão importantes são ao professor essas áreas", no último parágrafo, é uma oração:

- (A) coordenada;
- (B) absoluta;
- (C) simples;
- (D) subordinada substantiva objetiva direta;
- (E) subordinada substantiva subjetiva.

QUESTÃO 05

Entre as variedades linguísticas abaixo, de qual se valeu o autor desse texto, predominantemente, para dizer o que diz?

- (A) coloquial;
- (B) popular;
- (C) culto;
- (D) regional;
- (E) padrão com técnico.

**QUESTÃO 06**

No período: “Ele precisa aprender o que ele já sabe, muito embora nem sempre saiba que sabe.”, o autor faz uso de qual das estratégias da linguagem abaixo?

- (A) paradoxo;
- (B) gradação;
- (C) silepse;
- (D) hipérbole;
- (E) anáfora.

QUESTÃO 07

Em relação à Tipologia Textual, o texto está sob a organização...

- (A) descritiva, predominantemente;
- (B) da narração;
- (C) dissertativa-descritiva;
- (D) dissertativa-argumentativa;
- (E) injuntiva.

QUESTÃO 08

Em: “... com o objetivo de argumentar quão importantes são ao professor essas áreas, as quais dão ao cérebro, à inteligência, à memória e à compreensão humanos seus devidos lugares, no complexo sistema cognitivo humano”, o motivo que levou a palavra **humanos** ao plural é:

- (A) para concordar com os termos *cérebro, inteligência, memória e compreensão*;
- (B) para concordar com *cérebro*;
- (C) nenhum. Deveria estar no singular, pois essa concordância é inadmissível na(s) variação(ões) linguística(s) de que faz uso o autor;
- (D) é um caso de concordância verbal somativa;
- (E) é um caso de concordância nominal atrativa.

QUESTÃO 09

No trecho: “Uma maneira de fazê-lo é usar nas aulas metáforas, que muito mais do que figuras de linguagem, são mecanismos superiores de compreensão mental”, de qual função de linguagem se valeu o autor ao dizer como o diz?

- (A) fática;
- (B) metalinguística;
- (C) referencial;
- (D) conativa;
- (E) expressiva.

QUESTÃO 10

A relação semântica existente entre as palavras **docente** e **discente** é a de...

- (A) sinônimas;
- (B) antônimas;
- (C) parônimas;
- (D) homônimas;
- (E) hipônimas.

MATEMÁTICA**Questões de 11 a 15****QUESTÃO 11**

Em uma empresa, a média das idades dos 11 funcionários é de 38 anos. Após a contratação de mais uma funcionária, a senhora Maria, a média das idades passou a ser 39 anos. Com base nisso, a idade da Dona Maria é:

- (A) 39 anos
- (B) 42 anos
- (C) 50 anos
- (D) 52 anos
- (E) 59 anos

QUESTÃO 12

Um assistente administrativo verificou que a diferença do número de licenças entre homens e mulheres a serem lançadas no sistema era igual a 6. Se a razão entre o número de licenças de homens está para o número de licenças de mulheres, assim como 3 está para 2, então é correto afirmar que:

- (A) Há 12 licenças de homens
- (B) Há 18 licenças de mulheres
- (C) Há 20 licenças de homens
- (D) Há 26 licenças de mulheres
- (E) Há 30 licenças a serem lançadas

QUESTÃO 13

A impressora do gabinete de um vereador é capaz de imprimir 35 páginas em 2 minutos. O tempo, em minutos, necessários para impressão de 315 páginas é:

- (A) 9
- (B) 15
- (C) 18
- (D) 19
- (E) 20

QUESTÃO 14

Para resolver problemas com vazamentos em sua residência, Dona Ana contratou os serviços de um bombeiro hidráulico, o Sr. Beto. Sabendo que ele cobra R\$ 60,00 por hora trabalhada, acrescida da taxa de visita de R\$ 40,00 e que resolveu o problema em 3 horas de serviço, o Sr. Beto recebeu a quantia de:

- (A) R\$ 180,00
- (B) R\$ 220,00
- (C) R\$ 200,00
- (D) R\$ 280,00
- (E) R\$ 100,00

QUESTÃO 15

O resultado da expressão $E = \sqrt{25\%} + (10\%)^2$ é:

- (A) 105%
- (B) 25%
- (C) 50%
- (D) 51%
- (E) 6%



NOÇÕES DE INFORMÁTICA

Questões de 16 a 20

QUESTÃO 16

Observe a ilustração. Utilizando o Microsoft Excel, qual a fórmula utilizada para calcular a célula B11?

	A	B
1	Compras Semanais	
2		
3	Frutas	R\$ 25,74
4	Carnes	R\$ 94,79
5	Legumes	R\$ 17,45
6	Arroz	R\$ 12,49
7	Feijão	R\$ 12,42
9	Macarrão	R\$ 4,72
10		
11	Total	

- (A) =SOMA(B3;B9)
- (B) =SOMA(B3:B7)
- (C) =B3+B4+B5+B6+B7+B8
- (D) =B3+B4+B5+B6+B7+B9
- (E) =SOMA(A3:A9)

QUESTÃO 17

Qual é o protocolo responsável por converter números IP (Internet Protocol) em textos para nome de domínio?

- (A) DHCP
- (B) DNS
- (C) HTTP
- (D) HTTPS
- (E) FTP

QUESTÃO 18

O Microsoft Word possui um sistema de proteção de arquivos, podendo conter senha e impedindo que o arquivo seja aberto. Essa proteção é chamada de:

- (A) Senha Padrão
- (B) Senha de Leitura
- (C) Senha de Proteção
- (D) Senha Master
- (E) Senha Gerencial

QUESTÃO 19

Na instalação padrão do Windows 7, quais desses programas não é nativo?

- (A) Paint
- (B) Notepad
- (C) Wordpad
- (D) Internet Explorer
- (E) Antivírus

QUESTÃO 20

Para um usuário acessar a internet por meio de um navegador web, existem 3 tecnologias essenciais para o funcionamento, na camada de aplicação.

- (A) FTP, Telnet e HTTP
- (B) HTTPs, SSH e URL
- (C) Java, SSH e URL
- (D) URL, HTTP e HTTPs
- (E) Java, UDP e TCP

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Questões de 21 a 30

Texto para as questões de 21 a 30

AS GRANDES VIRADAS DO MUNDO DO CONHECIMENTO (fragmento)

O mundo é mestiço. Nele, as linguagens estão sincretizadas. Mas nós, professores, continuamos com a crença de que todos somos iguais; afinal, só se faz um tipo de avaliação, só se ministra um tipo de aula; só se ensina de uma única maneira; só se exige um único comportamento em sala de aula; só se considera nota boa o 10.

Em relação ao resultado de uma avaliação, esteja ela sob qual feito estiver, quase não fazemos qualquer investigação, ainda que fosse *por que todos não tiraram 10*, porque como alunos também nos foi negada a transposição significativa das notas diante de nossos atos. O que nos ficou foi: “notas baixas são de quem não estudou/não estuda; notas altas são de quem estudou/estuda”. Era esse o único discurso. Sem dar conta do caráter ipsativo de que toda avaliação deveria estar eivada para promoção, reduzimos nossos olhares a valores quantitativos, como o é nossa sociedade, e isso ainda perdura em nossos imaginários coletivos docentes. E aí, quando eles não conseguem aquela nota, esmorecem e acham a aula chata. Todas as disciplinas em que eles tiram notas baixas são consideradas por eles próprios como aulas chatas.

Os alunos gostam, sim, de escola. Eles não gostam é de aula que não tem nada a ver com eles. Quando Foucault (1979) propõe a necessidade de “criar e imaginar novos esquemas de politização”, podemos estender isso às práticas discursivas, escolares e acadêmicas que revelam nossas próprias maneiras de ser, a partir de uma nova ordem: a transglobalização. Isto é, práticas e atividades discursivas escolares e acadêmicas que ultrapassem, por exemplo, os limites da construção do conhecimento pelo conhecimento e venham ao encontro da produção do conhecimento significativo e para o longo da vida.

A ideia é acreditar que desaprender para aprender ou reaprender é uma forma de alteridade, porque desloca o eixo em que se encontram professores e alunos para uma centrifugação de saberes a serviço da desapropriação nuclear do saber – discursivamente constituídas em representatividades como o são os professores e os livros didáticos.

Esses empoderamentos históricos vão de encontro às falas e aos discursos dos alunos em qualquer agência de formação, porque não os inclui. Por conta da transglobalização, nossas práticas e atividades discursivas se tecem e são tecidas por novas tramas

interpessoais, refletindo novos vieses de subjetividade sobre a escola, a universidade e as salas de aula de ambas.

A questão é que tudo isso obedece às grandes viradas por que passou/passa o mundo: a virada semiótica, a virada crítica e a virada discursiva ou enunciativa. Todas elas desenhadas a partir do contexto sociocultural que lhes indicam o modo e as condições de produção dos sentidos forjados. Um tipo de força que impulsiona para novas formas de aprendizagem e de ensino.

A força que moveu e move essas viradas são as práticas sociais em cujo centro estão todas as linguagens. Dessa forma, uma aula pode e deve ser objeto de estudos de todas as áreas, e a Linguística Aplicada (LA) vem tentando espriar isso para além das questões do ensino e da aprendizagem: para as questões políticas, por exemplo, em que se entrecruzam e se pulverizam tanto as questões pedagógicas e didáticas que poucos professores/educadores conseguem notá-las, como o alcance de seus esquemas de produção de sentido político.

Se se observar bem, uma sala de aula é palco, é arena, é campo de atuação, é cenário de máscaras, tanto como o é a vida extraescolar. Para lá convergem muitas subjetividades e de lá provêm. É lá onde estão muitas contribuições que refletem a sociedade em que estamos: uma sociedade sem fronteiras, sem territórios e com inúmeras práticas discursivas às vezes até sobrepostas e avessas à ideia homogeneizante de um constructo ideal.

Ora! Se a sala de aula pode ser vista sob métodos e técnicas de investigação, e se o passaporte para isso é a língua e/ou outras formas de linguagens do complexo processo comunicativo, a LA é capaz de reunir, a um só tempo, divergências de domínios discursivos, partindo das práticas discursivas que se dão neste específico mercado linguístico como é uma sala de aula, numa profusão de linguagens.

Davis e Elder (2004), ao territorializarem os campos fecundos da LA, fazem-nos compreender esse “olhar externo com o objetivo de explicar ou até melhorar problemas sociais”. Assim, a LA pode contribuir com o cruzamento de teorias dos mais diversos campos do conhecimento, sob a intenção desvelada de compreender fenômenos escolares e acadêmicos, de forma a otimizar as práticas de aprendizagens e de ensino já que essas também vão melhorar as práticas sociais porque são práticas sociossemióticas.

Bem mais do que objeto de análise à luz da descritividade, da normatividade e/ou da prescritividade, como as centralizou a aula de Língua Portuguesa, a língua e as demais linguagens são instrumentos de ação e de poder (BOURDIEU, 1998). As trocas sócio-sígnicas de que se eivaram/eivam as aulas, durante todo o processo de ensino, refletem a ideia de que as aulas são ainda vistas como atos de comunicação porque só um diz e só um escuta; ou seja, apenas um diz o que sabe; e o Outro, julgado como quem não sabe, apenas ouve. As aulas não são vistas como atos interlocutivos em que ambos devem coparticipar da construção do conhecimento posto, mas que pode ser deposto, pois estamos lidando com conhecimento e não com a verdade. A verdade não é a minha verdade tampouco o que me fizeram crer que o era. Àquilo a que chegamos após uma pesquisa científica é apenas a compreensão mais óbvia a que eu, você ou

outro cientista chegaria, a partir dos conhecimentos que aí estão, do encaminhamento lógico que se deu à pesquisa, do singular olhar que se deu ao objeto.

Há, e sempre há de haver, muitos folheios no processo ensino e aprendizagem que estão além da Pedagogia, como o há compreensões dos números para além da Matemática. Para estes especialistas é tão difícil ver seus objetos de estudo nas mãos de outros estudiosos quanto o é estes virem tais objetos em suas áreas. A territorialidade epistemológica é limitada para ambos os casos. No momento, os linguistas aplicados conseguem fazê-lo, justamente porque veem em todas as cenas e tipologias de linguagem, seja em que ambiente o for, a possibilidade de análise crítica de conhecimentos dados sob o formato de informações, de conhecimentos cristalizados, administrados sob o formato de verdades indiscutíveis em discursos, em textos.

Atravessar para ver a praia do outro lado, ou ainda, os outros lados do rio (o de cima e o de baixo também), pode e deve ser a saída para compreendermos o que, normalmente, isolamos, porque não compreendemos. A humanidade sempre fez isto: pôs para fora o que lhe foge à compreensão. Muitos professores fazem isso com os alunos que, por exemplo, não sabendo como incluir o aluno preguiçoso, o que vive ouvindo música, o que brinca ao celular, nem o que não consegue compreender sua aula, o que responde a mais “eficiente/eficaz” de suas aulas, o que não fez o exercício proposto aula anterior, põem-no para fora de sala. É muito mais pô-lo para fora por vários motivos: ele não vai mais perturbar; ele começa a entender que quem manda é você e os demais também entendem assim; ele provavelmente não repetirá mais a “graça”, quando retornar à próxima aula. Mas em momento algum ele foi olhado como aquele que poderia ter contribuído com a aula, com a turma, pois sequer fora ouvido. Ele foi isolado como o fazemos com as próprias ciências que rodeiam nossos objetos de ensino.

A constituição do conhecimento é múltipla, como podemos perceber quando qualquer assunto isolado, visto à luz de outra ciência, tem outras variantes. A essência do conhecimento se dá por meio de linguagens, e todas elas são culturais e políticas; todas estão eivadas de identidades que não podem ser mais negadas ou fingidas de que não existem.

A função da LA é problematizar e politizar o que está aí. E, em se tratando de educação formal e do evento aula, bem como de sua (inter)generecidade textual discursiva, muito ela tem a contribuir, uma vez que reúne as condicionantes (sujeitos/partícipes; local e momento histórico/contexto, querer e fazeres/propósitos sociodiscursivos) a uma só vez, vendo-as em feixe e não de forma estanque tampouco analisadas sob uma única forma de ver o objeto *aula*, dentro do epievento Educação.

Tudo diz, tudo é texto; o que nos falta, como professores, é compreender de forma mais ampla as linguagens, e isso é urgente, pois continuamos desvalorizando saberes sempre dantes desvalorizados.

LISBÔA, Wandré de. TEXTUATIVIDADE. Belém: ALVES, 2016.

**QUESTÃO 21**

Depois de ler esse texto, podemos afirmar que ele:

- (A) está dirigido especificamente aos professores de Língua Portuguesa e de Matemática;
- (B) tem como interlocutor principal os professores;
- (C) não tem como alvo um leitor específico;
- (D) não usou uma variante de português adequada ao interlocutor;
- (E) traz predominantemente expedientes linguísticos da modalidade oral.

QUESTÃO 22

Em termos de variação linguística, a opção que melhor descreve o texto acima é?

- (A) português padrão com uso de língua oral em alguns poucos momentos;
- (B) português técnico com uso de língua padrão em menor incidência;
- (C) português coloquial com presença de marcas da oralidade;
- (D) português padrão em coocorrência do português técnico;
- (E) jargão excessivo da LA ao lado da variante coloquial.

QUESTÃO 23

Na passagem: “Os alunos gostam, sim, de escola. Eles não gostam é de aula que não tem nada a ver com eles.”, em relação à palavra sublinhada está **incorreto** afirmar:

- (A) não deveria estar entre vírgulas;
- (B) é um tipo de interação do autor com o leitor;
- (C) constitui uma oralidade do autor introduzida na escrita;
- (D) é uma resposta a uma pergunta retórica que o leitor poderia estar se fazendo;
- (E) é um advérbio.

QUESTÃO 24

No fragmento: “A questão é que tudo isso obedece às grandes viradas por que passou/passa o mundo”, é **incorreto** dizer sobre a forma verbal *obedece* e suas operações linguísticas:

- (A) é transitivo indireto;
- (B) é o termo regente de *grandes viradas*;
- (C) *tudo isso* é seu sujeito;
- (D) *grandes viradas* é seu termo regido;
- (E) o acento grave não se justifica.

QUESTÃO 25

Sobre o trecho: “Se se observar bem, uma sala de aula é palco, é arena, é campo de atuação, é cenário de máscaras, tanto como o é a vida extraescolar.”, a única análise linguística adequada é:

- (A) a repetição do vocábulo SE, no início do período, está inadequado a este gênero textual;
- (B) o uso de palavras figuradas está inadequado ao gênero também;
- (C) o único uso do vocábulo o, em “tanto como o é..”, serviu para retomar “é palco, é arena, é campo de atuação, é cenário de máscaras”, anteriormente expresso;
- (D) o primeiro se é conjunção;
- (E) o segundo se é advérbio de dúvida.

QUESTÃO 26

Em relação à tipologia textual, este texto pertence a qual das capacidades de linguagem dominante a seguir?

- (A) a de narrar;
- (B) a de relatar;
- (C) a de expor;
- (D) a de descrever;
- (E) a de argumentar.

QUESTÃO 27

Entre os elementos da comunicação que compõem qualquer gênero textual usado sociointerativamente como este o foi, qual deles foi privilegiado pelo autor?

- (A) a mensagem;
- (B) o código;
- (C) o receptor;
- (D) o suporte;
- (E) o referente.

QUESTÃO 28

Dos conceitos de Linguagem abaixo, qual deles parece ser a adotada pelo autor do texto?

- (A) Linguagem são apenas as modalidades oral e escrita da língua;
- (B) Linguagem, língua e fala designam a mesma realidade;
- (C) Linguagem é todo sistema de signos indiciais, icônicos e simbólicos que permite realizar atos de comunicação;
- (D) Linguagem é tão-somente os sinais convencionais (fala e escrita) que permitem à humanidade a sociocomunicação;
- (E) Linguagem é a capacidade de manejar sistemas de comunicação não verbal apenas, de operar com as regras gramaticais desses sistemas.

QUESTÃO 29

Na passagem: “... o que não fez o exercício proposto aula anterior, põem-no para fora de sala.”, a classificação morfológica dos vocábulos sublinhados, na ordem em que aparecem, é:

- (A) artigo, pronome oblíquo, pronome pessoal;
- (B) pronome pessoal, artigo, pronome;
- (C) pronome demonstrativo, artigo e pronome oblíquo átono;
- (D) artigo, artigo, pronome oblíquo tônico;
- (E) pronome pessoal, pronome oblíquo átono, artigo.

QUESTÃO 30

Na lexia: “Àquilo a que chegamos após uma pesquisa científica é apenas a compreensão mais óbvia a que eu, você ou outro cientista chegaria, a partir dos conhecimentos que aí estão, do encaminhamento lógico que se deu à pesquisa, do singular olhar que se deu ao objeto.”, não podemos afirmar, em relação à parte sublinhada, que:

- (A) está mal coeso, visto que repete desnecessariamente a preposição **de**, nas três ocorrências em que ela se dá (*dos, do e do*, respectivamente);
- (B) o uso do vocábulo **aí** refere-se ao momento atual da ciência;
- (C) *singular* poderia ser substituído por *único*;
- (D) *que se deu à pesquisa e que se deu ao objeto* são ambas Orações Subordinadas Adjetivas Restritivas;
- (E) a forma *a partir* rege três termos regidos.